

## A MATRIZ DE BOA VIAGEM II

A Capela, hoje Matriz de Boa Viagem, construída nos começos do século XVIII, tem sofrido desde então sucessivas reformas na estrutura, possivelmente por defeito da construção ou pobreza do material nela empregado. A mais antiga modificação, no seu aspecto externo, ocorreu entre 1751 e 1760, quando foi construída a sua única torre, para abrigar um sino grande que se fizera vir de Lisboa; as obras da torre foram dirigidas a princípio pelo mestre pedreiro Manuel do Ó e concluídas pelo mestre José Rodrigues e as de carpina pelo mestre Manuel Ribeiro.

No início do século XIX, fez-se uma completa reforma do frontispício da Capela, que passou a apresentar o aspecto que hoje conserva. A torre foi então elevada, abrindo-se o óculo do frontão, no alto do qual foi assentada uma cruz de pedra. Todo esse trabalho foi realizado nos anos de 1802-03, dirigido pelo mestre pedreiro Francisco José da Paz. Entretanto, o alpendre ou copiar da frente da Capela foi mantido e era considerado necessário, pois no seu piso enterravam-se os escravos, pelo que percebia a Capela pequenas esmolas; e para essa função tinha tal importância que, tendo ruído o alpendre entre 1787 e 1788, fez-se a grande despesa de 37\$375 para sua reconstrução.

Às obras do frontispício, seguiram-se outras no corredor e sacristia do lado do mar, abrindo-se parte do teto; o corredor do lado de terra também precisava de reforma, mas não havia dinheiro para levá-la a efeito. Somente depois que a Capela passou a ser administrada pela Irmandade de Nossa Senhora da Boa Viagem, instalada em 18 de janeiro de 1840, é que tais obras vieram a ser realizadas. Em 1845 fez-se a demolição do alpendre da fachada, tendo-se resolvido abrir duas portas nos lugares onde existiam janelas, certamente as que hoje ladeiam a porta principal, e outras janelas no primeiro andar, tudo “para formoseamento do frontispício”. Embora tivessem sido compradas então à Ordem III de São Francisco do Recife quatro portas e três janelas usadas, para serem assentadas na fachada, ao que parece não se fizeram as obras, pois não consta registro de tal despesa.

Em 1862 iniciou-se novo penado de reconstrução, o mais extenso já realizado até então, com a demolição completa da parede do outão do lado oeste, seguindo-se em 1864 e “conclusão do outão do leste e do fundo e paredes do altar-mor e paredes divisórias das sacristias”, tudo por 900\$, por empreitada feita com o pedreiro Ricardo Francisco Correia. Para uma idéia da extensão dessa reforma, bastará citar o que consta da ata de 19 de junho de 1864 ter sido executado então: “metade do outão existente da parte do leste, metade da parte do fundo da Igreja e a empena, desmoronamento e reedificação das paredes divisórias das sacristias, construção e reedificação das paredes da capela-mor e abertura de duas ditas para correspondência das sacristias e rasgamento de três portas na frente da Igreja, travejamento nos corredores e sacristias, coberta nos corredores, consistórios e capela-mor, reedificação na coberta da Igreja, retelhamento de dois terços da coberta, colocação de 15 grades de janelas e 11 grades de portas, colocação da grade de um óculo na empena, colocação de três abraçadeiras de ferro no frechal do corpo da Igreja e mais 15 janelas com os competentes caixilhos, sete portas pequenas e mais duas maiores com “almofadas e parte da ferragem necessária para as mesmas obras”. Depois de tudo isto bem pouco devia restar da estrutura primitiva.

Internamente a Capela sofreu também várias modificações. A partir de 1743, a que remontam os seus papéis mais antigos, consta a fatura da talha dos dois altares laterais, de São José e Sant'Ana e o pequeno nicho e altar da sacristia; este último, que é muito valioso, é o único

que da antiga Capela se conserva na Igreja atual. Toda essa obra de talha foi levada a efeito no fim do ano de 1745 e concluída provavelmente em 1746, sendo trabalho do mestre entalhador João Pereira, que recebeu 106\$640. Na mesma ocasião, de 1745 a 47, elevou-se o piso da capela-mor e, em consequência, foi necessário despregar e repregar a talha do altar-mor, fazendo-se nele novo barroto, que foi, entre 1751 e 1760, substituído por um outro de talha, feito por Alexandre de Macedo. Ainda nesse período fizeram-se novas tribunas entalhadas, obra de um grupo de entalhadores sob as ordens, ao que parece, do mestre Alexandre. Este fez também “a entalha e renda do arco da capela-mor” por 10\$ e três cadeiras torneadas por 7\$000.

Naqueles anos de 1751 fez-se um painel para o camarim, pintado pelo notável artista João de Deus Sepúlveda, o mesmo a quem se deve a pintura do forro da Igreja de São Pedro dos Clérigos e o painel de N. S. da Conceição do consistório da Ordem III de São Francisco do Recife. É para lamentar que o da Matriz de Boa Viagem não se tivesse conservado. Entretanto a talha dos altares ainda estava por pintar e dourar, e para esse trabalho o padre administrador enviou 200\$ para Lisboa, entre 1769 e 1772, para a compra de ouro, sendo que a despesa total, incluindo tintas e gesso, somou 319\$264. Nesses anos de 1769 a 72 Francisco Teixeira Ribeiro pintou a bandeira da festa por \$640. O douramento da capela-mor foi levado a efeito entre 1772 e 76, em ruja ocasião foram feitas, por artistas não mencionados, duas sanefas para as portas laterais da capelamor. A empreitada foi feita com o pintor já citado, Francisco Teixeira Ribeiro, sendo que o “ajuste do dourado da capelamor, trono, nicho da sacristia, os remates das portas da dita capela e todo o fingido da pintura das pedras do arco grande para dentro” foi de 150\$, pagando-se-lhe ainda 75\$ “de dourar os dois altares colaterais”. O trabalho prosseguiu no período de 1776 a 80, com o mesmo empreiteiro, dourando-se então o púlpito e as sanefas das seis tribunas e pintando-se com “fingidos de pedra azul” o pé do púlpito e os alizares das tribunas: por esse novo trabalho pagou-se a Francisco Teixeira Ribeiro 34\$680.

Esses altares entalhados - com exceção, como dissemos, do nicho da sacristia - não se conservaram. Em 1823 alegava o administrador da igreja, José Lopes Rosa, a conveniência de serem substituídos as portas externas, a talha e o ferro “por estarem estas cousas à antiga”, embora, como ele próprio reconhecia, “seguríssima”. Por falta de dinheiro nada se fez então. Mas quarenta anos depois, como a reforma iniciada em 1862 e que se estendeu até 1867 e incluiu a “reedificação das paredes da capela-mor”, foram os altares demolidos, sendo em sessão da irmandade de 25 de fevereiro de 1866 nomeada uma comissão para “a escolha do modelo da obra da Capela-mor, isto é, o altar e trono, podendo ser de tijolo e cal”. O projeto da capela-mor foi feito pelo Irmão dr. José Tibúrcio Pereira de Magalhães, sendo contratada a sua fatura com o mestre de obras Filipe Santiago de Carvalho, por 1:350\$, dando a Irmandade os materiais. Entretanto o projeto de José Tibúrcio não pôde ser adotado sem alteração, “visto como as dimensões prescritas em ditas plantas não davam lugar para o trono, tanto em relação à altura como à largura, sendo preciso fazer-se a conveniente alteração, depois de ouvidos os engenheiros, o Ilmº sr. dr. Buarque de Macedo, dr. Carneiro da Rocha e outras pessoas entendidas, executando-se a obra do modo por que está”. A Mesa da Irmandade em sessão de 22 de dezembro, “aprovou a alteração que se fez, por se ter verificado a inexequibilidade da planta, havendo trono como devia e se fez em consequência a alteração”. Data, portanto, de 1867 a capela-mor de alvenaria da Matriz da Boa Viagem.

Antes de 1743 o padre Inácio Ribeiro Noia, então administrador da igreja, entregou ao padre João Alvares Espíndola a quantia de 100\$ para compra de uma lâmpada, mas por motivo desconhecido este último não satisfez o compromisso, sendo o padre Noia obrigado a repor

aquela quantia, o que em parte fez em 1747-49, entregando uma custódia e relicário avaliados em 48\$320 e uma sacras douradas que valiam 11\$500. A lâmpada foi finalmente feita aqui, aproveitando-se a prata de uma pequena, que pesava 2 libras e 24 oitavas, entregando-se juntamente mais 21 libras de prata (que custaram 295\$680) ao prateiro Pedro Martins, que fez a obra, recebendo pelo feitio 103\$000. Outro prateiro que trabalhou entre 1745-47 foi o mestre Pedro Pereira, que fez uma âmbula, por 26\$840.

Um melhoramento dos anos de 1747 a 49 foi o feitio de um órgão, que custou 57\$980, trabalho de Agostinho Rodrigues Leite, então no começo de sua carreira, pois nasceu em 1722, segundo refere d. Domingos do Loreto Couto. Agostinho era artista notável e fez órgãos para os Mosteiros beneditinos de Olinda, Bahia e Rio de Janeiro, conforme recorda d. Clemente Nigra.

Um dos últimos fatos ligados à história da Igreja, que os documentos registram, é o da conclusão em 1869 do cemitério pertencente à Irmandade, construído em terreno do patrimônio, ao norte da Igreja, o chamado Sítio Pequeno.

Fonte: MELLO, José Antonio Gonsalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 18 agos., 1957.